



Expressões das culturas juvenis por meio de fanzines: Análise da culminância de atividade de Sociologia no Ensino Médio

Suélen Pinheiro Freire Acosta

Mestra em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (CAPES/PROSUC). Licenciada em Ciências Sociais pela mesma instituição. Atualmente exerce atividades como professora de sociologia na Escola de Ensino Médio SESI Montenegro (RS).
E-mail: suelenpfacosta@gmail.com

Resumo

O presente trabalho foi apresentado no VI ENESEB, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no GT Culturas Juvenis na Escola, de modo que se pretende ampliar o debate considerando os retornos do citado GT. Procuo descrever uma experiência de aula de Sociologia com estudantes de primeiro ano do Ensino Médio, em cidade da região metropolitana de Porto Alegre. Em tal atividade, os estudantes foram apresentados aos fanzines enquanto ferramenta de comunicação utilizada por movimentos sociais e culturais de vanguarda, e convidados a expressar suas opiniões e posicionamentos políticos a partir de provocação suscitada pelo filme Edukators, qual seja, se a juventude contemporânea pode ser revolucionária. A partir de tal questão os estudantes apresentaram diferentes preocupações com a sociedade em que vivem, com seu futuro, apresentando diversas questões do cenário político atual, como feminismo e saúde mental dos adolescentes. Pode-se observar que há, nas culturas juvenis contemporâneas, diversas ligações com pautas políticas, em especial as chamadas pautas identitárias.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia; Culturas juvenis; Fanzine; Ensino Médio;

Abstract

The present work was presented at the VI ENESEB, at the Federal University of Santa Catarina (UFSC), at the WG Youth Cultures at School, in order to broaden the debate considering the returns of the aforementioned WG. I try to describe a Sociology class experience with first year high school students in a city in the metropolitan region of Porto Alegre. In this activity, the students were introduced to the fanzines as a communication tool used by cutting-edge social and cultural movements, and invited to express their opinions and political positions from the provocation raised by the Edukators film, that is, if contemporary youth can be revolutionary. From this question the students presented

different concerns with the society in which they live, with its future, presenting several issues of the current political scenario, such as feminism and adolescent mental health. It can be observed that there are, in contemporary youth cultures, several links with political guidelines, especially the so-called identity guidelines.

Key-words: Sociology teaching; Youth Cultures; Fanzine; High school.

Introdução

No presente texto procuro articular o relato de uma atividade realizada em aulas de Sociologia no ensino médio com reflexões sobre a culminância da mesma. A atividade em questão trata-se da elaboração de fanzines¹, inserida na contextualização do uso de tal prática por diversos movimentos sociais, em especial antes do advento e popularização da internet. A atividade de construção dos fanzines estava inserida em um projeto maior, no qual, junto com outros componentes curriculares da área de Ciências Humanas, abordamos o tema da juventude com estudantes jovens, com intuito de (no componente de Sociologia) provocar a compreensão dos adolescentes enquanto produto e produtor do mundo social.

A questão que dispara o debate e desenvolvimento da atividade surge de uma fala do personagem Jan do filme *Edukators*, assistido em aulas anteriores com objetivo de embasar reflexões sobre o sistema capitalista e práticas de resistência ao mesmo no contexto contemporâneo. Num diálogo importante do citado filme, o personagem questiona a possibilidade de o jovem ser revolucionário em uma sociedade que vende camisetas do Che Guevara nos shoppings e onde as revoluções já aconteceram, permanecendo, entretanto, os ideais. Com este questionamento a aula é iniciada e, dialógica e coletivamente, pensamos no que é ser revolucionário no mundo atual e no que um jovem deveria fazer (ou pensar) para ser considerado um. Um ponto comum quanto a compreensão do que seria esse ser revolucionário é o entendimento de que se trata de alguém que se revolta com problemas sociais e que se posiciona contra eles, com

¹ O termo fanzine resulta da combinação entre as palavras “fanatic” e “magazine”, constituindo-se como veículo de comunicação produzido por fãs ou admiradores, mesclando imagens e textos. Ver mais em: <http://www.revistacapitolina.com.br/por-que-zine-e-tao-daora/>

propostas de mudança, de melhoras, de uma revolução. A pergunta que fica então é: O que nos revolta? É feito então o convite de que expressem seus posicionamentos nos fanzines, expondo suas preocupações, suas críticas, suas revoltas.

Em encontros na biblioteca da escola, os estudantes foram orientados quanto a produção dos fanzines (com relação às dobras e recortes necessários no papel) e o que poderiam expor nos mesmos. Como em outros encontros, é reforçado neste a importância do cuidado com as palavras e com o uso de conteúdos que sejam desrespeitosos, os quais não seriam aceitos. Além disso, foram orientados a revisar assuntos já trabalhados nas aulas de Sociologia durante o ano, a fim de que o fanzine pudesse ser um fechamento do ano letivo. Considero importante destacar que a atividade ocorreu no último trimestre do ano letivo de 2018, tendo iniciado uma semana após o resultado do segundo turno das eleições presidenciais.

Para o presente trabalho, agrupei os fanzines elaborados pelos estudantes em grupos temáticos, quais sejam: Feminismo LGBTQ+; Saúde mental; Pressões sociais na juventude e eleições. Tal organização é um tanto arbitrária, à medida que um fanzine que aborda saúde mental dos adolescentes também pode falar de racismo, por exemplo, e modo que procurei organizar conforme o tema que aparece como central no material produzido a fim de facilitar a análise e compreensão dos materiais. Alguns estudantes elaboraram fanzines com temas diversos, recheando-os com trechos de música que consideram que tratam de temas sociais importantes para eles. Estes casos estão por vezes agrupados, e serão, na sua maior parte, analisados de forma “marginal”.

A noção de culturas juvenis, no presente trabalho, é aplicada enquanto abordagem teórico-analítica, ou seja, é aplicada também enquanto método de olhar para o objeto de estudo. A abordagem direcionada às expressões realizadas nos fanzines se orienta desde uma perspectiva sociocultural, considerando as juventudes e as culturas juvenis como construções sociais e históricas, inseridas de relações de poder e do conflito entre os diferentes marcadores sociais que as envolvem. (REGUILLO, 2000; DAYRELL, 2012.)

Ensino de Sociologia em diálogo com as culturas juvenis

Conforme Juarez Dayrell,

Compreender a perspectiva sociológica acerca do mundo requer um olhar mais apurado sobre os acontecimentos da vida social. A imaginação sociológica nos pede, sobretudo, que sejamos capazes de pensar nos distanciando das rotinas familiares de nossas vidas cotidianas, para poder vê-las como se fossem algo novo. Por isso, para compreender sociologicamente, é preciso incentivar um olhar que alcance acontecimentos e sujeitos não

como “problemas sociais”, como tantas vezes são percebidos no senso comum, mas avistá-los como “problemas sociológicos”. (DAYRELL, 2012, p.11).

Transpondo tal afirmação para o cenário do ensino de Sociologia com adolescentes, podemos pensar em uma proposta de ensino de sociologia em diálogo com as culturas juvenis. Por meio de tal perspectiva, potencializa-se o desenvolvimento de habilidades voltadas à identificação e análise de “problemas sociológicos”, tendo o próprio jovem como principal ator social em questão. A atividade aqui relatada e analisada pretende ser exemplo deste tipo de abordagem, ou seja, da construção de diálogo entre habilidades e conteúdos sociológicos com as vivências de estudantes jovens.

Partimos, primeiramente, da construção de uma leitura de mundo desde a qual o jovem se compreende enquanto sujeito que ocupa determinados lugares na sociedade. Da mesma forma, pressupõe a compreensão por parte da professora, nessa relação, de que o jovem está inserido em uma série de relações de poder, sendo a escola o espaço onde, idealmente, ele disporia a possibilidade de ser lido como sujeito, tendo respeitada a sua trajetória de vida, seus gostos e opiniões pessoais, seus sonhos. Por meio de tal abordagem, pretende-se produzir resistência à escola (instituição escolar) enquanto inserida e representativa do “paradigma do confinamento” (GADEA, 2014).

Conforme a apresentação de Pereira (2015) na conferência de abertura do IV ENESEB², consideramos “a Sociologia como a arte da ruptura, da construção e da explicação.” Dessa forma, seguindo os exemplos dos teóricos clássicos apresentados pela professora citada, nos encontros em sala de aula para o ensino-aprendizagem de Sociologia, buscamos romper com conhecimentos oriundos do senso comum, complexificando os mesmos por meio do diálogo e do questionamento e assim construímos novos olhares sobre a realidade social que circunda os estudantes e a comunidade escolar como um todo.

Na atividade em questão, noto, em um primeiro momento, o desconforto por parte dos alunos em poder expressar em um trabalho escolar as suas posições e análises políticas pessoais. Tal desconforto demonstra reflexos da internalização de normas em seu comportamento, que repercute no medo de apresentar uma “resposta errada”, além de endossar afirmações de senso comum tais como a de que política não é assunto de interesse para os jovens ou que não deve ser discutida, especialmente na escola. Em que pese o fato de se tratar de uma escola que preza pela horizontalidade e pelos valores

2 O IV Encontro Nacional de Ensino de Sociologia na Educação Básica ocorreu em 2015, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), em São Leopoldo – RS.

democráticos, experiências anteriores destes estudantes repercutem nesses comportamentos, como os próprios clássicos da sociologia nos explicam.

A construção, como destacado por Pereira (2015) ocorre na experiência da atividade em si, onde os alunos se permitem pensar sobre a sua sociedade desde experiências e preocupações pessoais. A explicação é parte do contraponto à atividade, onde iniciamos debate a partir dos assuntos que estiveram mais presentes nos fanzines questionando-os sobre a presença destes. Porque tantas alunas falaram sobre feminismo? Será que todas elas se consideram feministas? O que faz com que tantas alunas se identifiquem com pautas do movimento feminista atualmente? E porque não foi assunto abordado pelos alunos? Por meio desses e outros questionamentos, foi possível refletir coletivamente sobre as questões sociais que envolvem de diferentes modos a praticamente todos os alunos que realizaram a atividade. O desenvolvimento de tal reflexão por parte dos estudantes é bastante rico, à medida que proporciona a auto percepção enquanto sujeito integrante da sociedade e capaz de mudanças.

Culturas juvenis expressas por meio dos fanzines

Na obra *“Emergência de culturas juvenis – Estrategias del desencanto”³*, a socióloga mexicana Rosana Reguillo Cruz afirma, referindo-se as juventudes latino americanas dos anos 2000:

Os jovens tem se apropriado de formas organizativas que atuam desde o exterior – em suas relações com os outros – como formas de proteção e segurança frente a uma ordem que os exclui e que, desde o interior, vem operando como espaços de pertença e atribuição identitária, a partir dos quais é possível gerar um sentido comum sobre um mundo incerto. (...) Entre os jovens, as utopias revolucionárias dos anos setenta e a raiva e frustração dos oitenta tem mudado de cara no século XXI, rumo a formas de convivência que, apesar da acusação de individualismo, parecem fundamentar-se em um princípio ético-político generoso: o reconhecimento explícito de não ser portadores de nenhuma verdade absoluta em nome da qual se possa exercer um poder excludente. (REGUILLO, 2000, p. 14).

No contexto atual, quase duas décadas após tal reflexão, observamos que a mesma ainda encontra atualidade. Obviamente, contudo, são necessárias algumas ponderações para a atualização do argumento apresentado, em especial ao direcionarmos o foco a estudantes de ensino médio de uma cidade ao sul do Brasil, bem como ao fato de atividade em questão ter sido realizada na semana posterior ao segundo turno das eleições presidenciais.

³ A obra utilizada como referência foi escrita em língua espanhola, de modo que as citações foram traduzidas pela autora visando coesão com o restante do texto.

As reflexões de Reguillo (2000) demonstram ter por base a metáfora da neotribalização como definida por Maffesoli (2000) ao analisar, em meados da década de 1990, o comportamento de grupos de jovens urbanos na França. O autor considera que as juventudes desta época, em suas ações grupais, opõem-se ao processo de “desencantamento do mundo” à medida que encontram em seus pares meios expressivos e afetivos de se colocar no mundo. Nas chamadas “tribos urbanas”, conforme o autor, já não é perceptível os indivíduos, então diluídos como membro de seu grupo. Além disso, as tribos representariam pela passagem de um paradigma político (projetivo, individualista) a um paradigma estético (emocional, coletivo).

Em termos conceituais, a noção de culturas juvenis procura dar maior abrangência ao fenômeno da formação de coletivos juvenis nas sociedades contemporâneas, os quais apresentam características em comum como o compartilhamento de referenciais identitários, o acesso a lugares específicos da cidade, a forte valorização dos laços afetivos, ainda que paradoxalmente estes tenham a tendência a ser bastante efêmeros. Nesse sentido, para análise dos posicionamentos políticos dos estudantes em seus fanzines, nos baseamos no diálogo entre o que as duas noções nos oferecem, dentro de suas possibilidades e limites ao contexto em questão. Consideramos ainda que a noção de “rede”, como proposta por Gadea (2015) para o estudo das juventudes contemporâneas e suas práticas de sociabilidade, é de extrema valia. Conforme o autor,

[...] a noção de “rede” possa ser mais propícia para designar o tipo de sociabilidade empreendida pelos jovens atuais, na medida em que se faz presente o hibridismo e a contaminação de uma multiplicidade de códigos estéticos, valorativos e de consumo generalizados entre a juventude (GADEA, 2015, p. 26).

A noção de rede direciona o enfoque ao caráter coletivo, dos laços que podem ser produzidos entre diferentes “tribos”, bem como nos trânsitos de seus membros em diferentes momentos de suas vidas. Associada a noção de culturas juvenis, podemos pensar em seu caráter expressivo, que fala em uma língua própria ao mesmo tempo em que reivindica ser lido e compreendido, nas suas entrelinhas. Nesse sentido, por exemplo, que não poucas vezes os fanzines parecem direcionados a um outro específico, sejam os pais, a escola, um grupo com pensamentos opostos, dentre outras possibilidades. Dessa forma, conforme Reguillo:

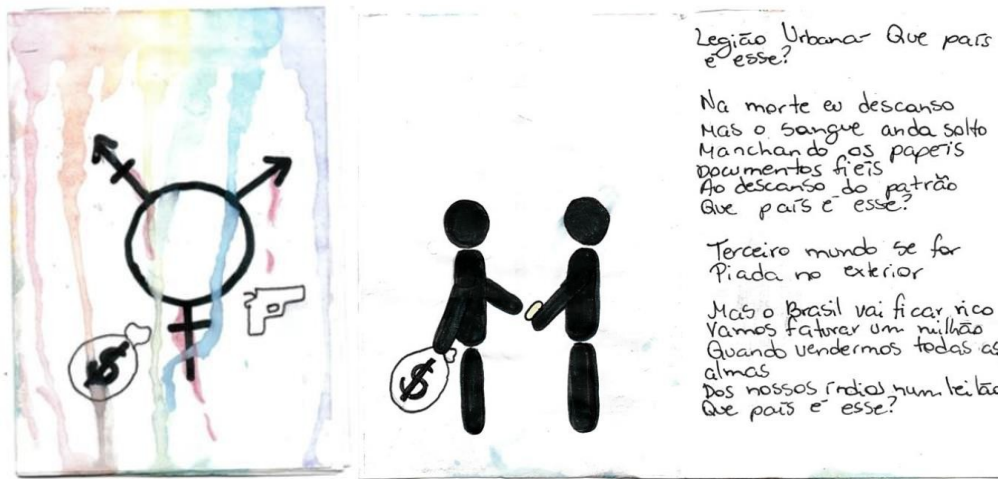
Os desafios que os jovens colocam para a sociedade existem, com seus pontos fortes e fracos, com suas contradições e desarticulações. As culturas juvenis atuam como expressão que codifica, através de símbolos e idiomas diversos, esperança e medo. Na sua configuração, nas suas estratégias, em suas formas de interação comunicativa, em suas percepções de mundo, há um texto social à espera de ser decifrado: o de uma política com

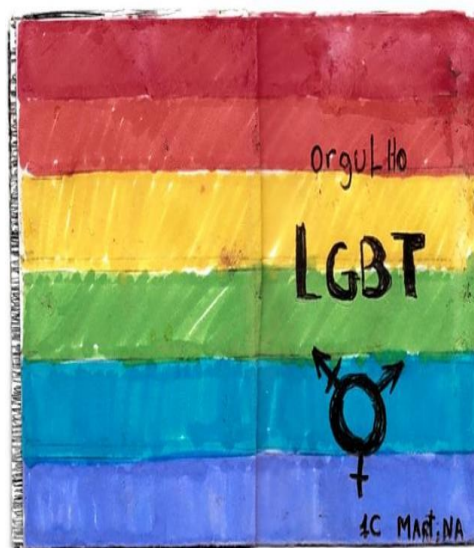
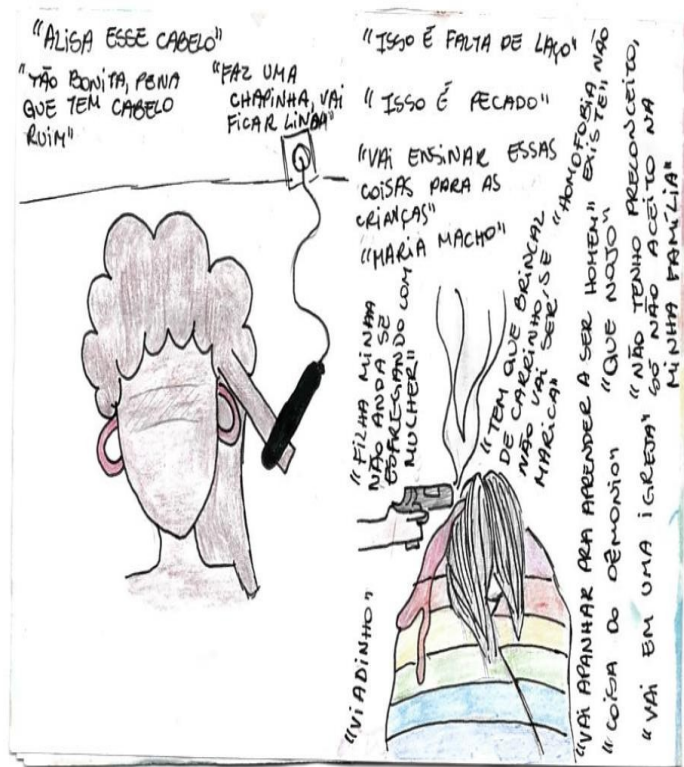
minúsculas que tornam o mundo, a localidade, o futuro e o dia, um melhor lugar para morar (REGUILLO, 2000, p. 16).

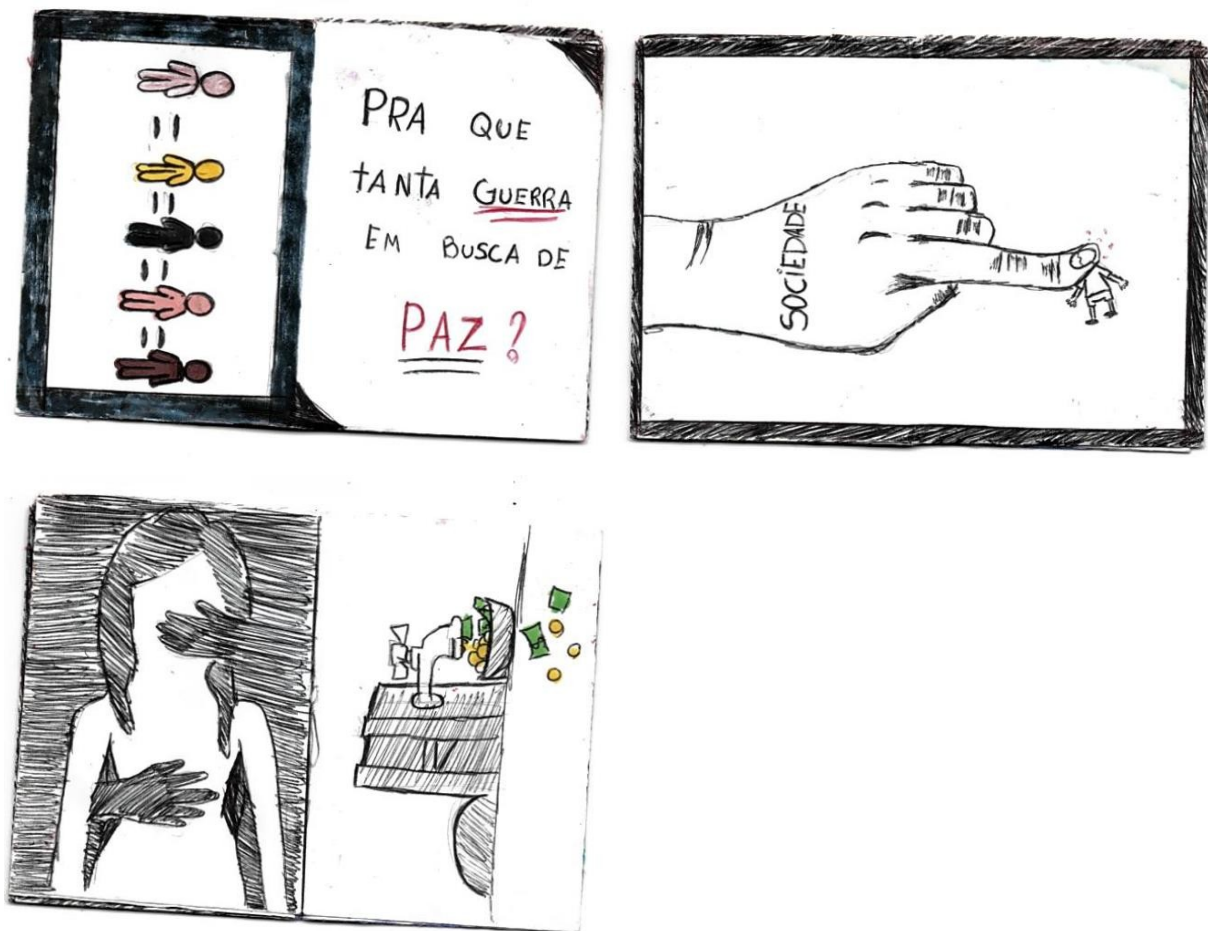
Conforme Reguillo (2000) nos mostra, as culturas juvenis expressam os desafios que os jovens enfrentam em nossa sociedade. Elas são produto das relações sócio históricas, por isso são também geracionais e acompanham as mudanças e permanências que vivem as sociedades.

Nesse sentido que os fanzines produzidos pelos alunos de primeiro ano do ensino médio devem ser lidos a luz de seu contexto, do lugar e momento em que são propostos e em que são realizados. Por essa razão, foi dado destaque ao fato de a atividade ter sido realizada após os resultados do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. As eleições ocorrem em um contínuo acirramento de forças políticas no Brasil, com a intensificação do que tem sido chamado de “disputa de narrativas”, especialmente nas redes sociais da internet. É momento também de avanço de discursos conservadores e reativos, endossados por diversas figuras políticas. Paradoxalmente, observa-se também uma maior “politização” dos debates cotidianos, observado pela presença de assuntos e conceitos ligados a este campo nas mais diversas conversas informais. A seguir, destaco alguns dos fanzines usados nesta análise, agrupados conforme apresentado anteriormente.

Feminismo e pautas LGBT: Primeiramente, se nota como as alunas associam questões ligadas a identidade de gênero, raça, orientação sexual de forma muito simples. Apresentam vivências próprias ou de pessoas próximas e direcionam suas mensagens por vezes a outras mulheres e LGBTs, com intuito de orientar e acolher, por vezes ao homem violento e abusador. A identificação com determinada orientação sexual ou identidade de gênero e suas repercussões nas relações sociais cotidianas expressa pelas estudantes em seus trabalhos remete, além de reflexões sobre experiências individuais em conexão com o mundo social, uma preocupação em definir-se enquanto sujeito através da categoria de gênero. Politicamente, essa parece ser a categoria através da qual se percebem para atuar no mundo, com reivindicações de respeito a sua identidade.







Saúde mental: A preocupação e as referências a questões ligadas a saúde mental possivelmente é uma característica que diferencia as culturas juvenis atuais. De fato, vivemos uma espécie de epidemia de transtornos como depressão e ansiedade entre os jovens, bem como da prática do suicídio. Nesse sentido, o fanzine em destaque apresenta as principais ofensas que jovens em depressão ouvem no seu cotidiano e que somente pioram seu estado de saúde. Fica evidente a associação que constroem entre problemas sociais e o desenvolvimento de sofrimentos mentais.




Pressão social na juventude: Os dois fanzines expostos nessa sessão tem em comum o paradoxo já descrito por Reguillo (2000), ou seja, de que ao mesmo tempo que se exige dos jovens o consumo, o preparo para a vida adulta e a autonomia, não lhes são garantidas possibilidades para tanto pelas instituições responsáveis (família, estado, escola). O primeiro associa a juventude a ideias de inovação e revolução, apresentando que reflete a pressão para que o jovem seja inovador e a invisibilidade das práticas ditas inovadoras em um mundo movido por inovações. No segundo, a pressão para o preparo para o futuro, que torna o estudo, por exemplo, uma obrigação e não mais um prazer. Os textos destes parecem direcionados ao mundo adulto, o primeiro a escola e o segundo aos pais.

4 Lê-se: “Pense bem no que você fala porque até suas palavras podem ferir ou matar uma [pessoa]. Não critique as pessoas sobre o que você não sabe, tenha consciência das suas palavras.”

Todos odeiam a inov...

REVOLUCAO

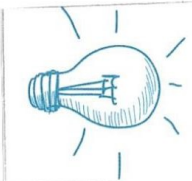


A juventude é uma fase determinante para a nossa vida. É nessa fase que as ideias florescem, os pensamentos vão longe, e a mudança acontece.

Ser jovem também pode ser uma fase conturbada da vida e que talvez a partir dessas dificuldades a mudança aconteça. A partir dessas mudanças que você escolhe ter uma boa ideia para transformar o mundo, isso é ser um jovem revolucionário.

Segundo o dicionário "revolucionário" significa provocar revoluções; favorável a transformações radicais no âmbito político ou social; progressista. Definido pela criatividade, originalidade, ousadia; capaz de ocasionar mudanças em normas preestabelecidas; inovador.

Ser um inovador em um mundo movido pela a inovação é algo tão próximo e tão distante ao mesmo tempo. A ideia de se inovar a cada dia parece cada vez mais distante pelo fato de jovens inovadores quererem mudar o mundo. A mudança em todo lugar é constante, mas as pessoas não conseguem enxergar a mudança ao seu redor, tornando o mundo muito mais sem cor, sem vida e sem amor ao próximo e, portanto sem inovação.




Luciana Bellincioni

VOZ

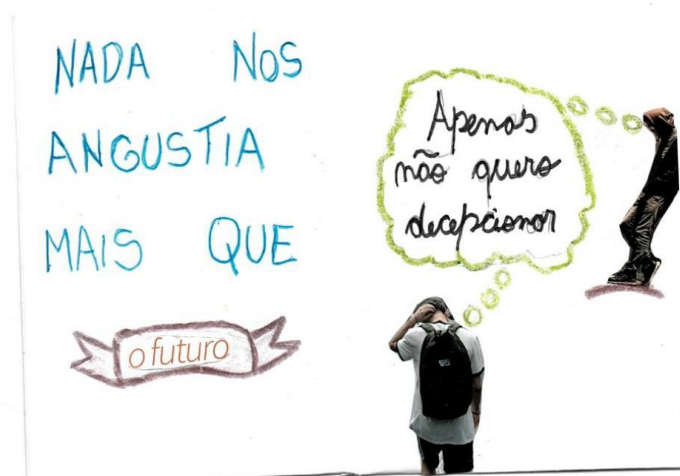
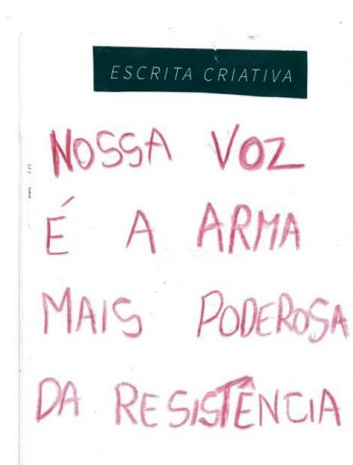
A QUEM NÃO TEM

PRESSÃO SOCIAL NA ADOLESCÊNCIA

"SUA ÚNICA RESPONSABILIDADE É ESTUDAR..."



HÁ TEMPOS QUE É UMA RESPONSABILIDADE, NÃO UM PRAZER



Eleições: Destaco aqui as referências feitas aos políticos que disputaram o segundo turno das eleições presidenciais. Neste fanzine, temos a crítica a ambos partidos e candidatos, e a ações que foram associadas a eles. Além disso, a contradição dos discursos e a circulação das chamadas *fake news* se mostra presente. O conteúdo deste fanzine pode explicar de modo mais direto a não identificação dos jovens que participaram dessa atividade a nenhum dos partidos e políticos em seus discursos de modo completo. Ou seja, a desvalorização da política partidária dos políticos profissionais, que parece dar lugar as pautas políticas, especialmente as que tem sido chamadas identitárias.



Reflexões Finais

Na análise que propusemos aqui, observamos por meio dos fanzines criados pelos estudantes, que seus posicionamentos e preocupações políticas e culturais ultrapassam afirmações de senso comum de que os jovens seriam individualistas (no sentido de “egoístas”) e apolíticos. Tal qual nas tribos urbanas, é notável a sensibilidade e a valorização da coletividade, o que não significa, contudo, necessário engajamento a grupo político ou movimento social em específico. Notamos uma série de questionamentos postos a questões vivenciadas no cotidiano e que tem impacto concreto nas experiências desses jovens. De modo paradoxal e até mesmo irônico, de certa forma, os fanzines apresentam questões que são coletivas, como as que se relacionam às violências contra mulheres, LGBTs e pessoas negras, mas desde vivências individuais. Questões relacionadas a saúde mental, como depressão e suicídio, são também representadas como problemas sociais e pautas políticas, à medida que buscam por conscientização de seus leitores.

A identificação é essencial para o engajamento do jovem a determinada pauta, o que se apresenta de forma efêmera, à medida que sua identificação enquanto sujeito é processual e contextualizada. Nesse sentido, a “política” demonstra ter importante valor como referencial identitário, dado que representa o que sentem e pensam sobre experiências que vivem enquanto

jovem, as quais têm seu caráter coletivo por eles percebido. As pautas e formas de expressão demonstram bem este ponto. São raras, por exemplo, as associações a símbolos que tradicionalmente seriam associados à esquerda ou direita, estes dão lugar a *memes*, recortes de revista e trechos musicais. A politização dos discursos nas redes sociais compartilhados hoje por diferentes gerações é um fenômeno latente e uma importante característica para a análise das identidades e culturas juvenis.

Inexoravelmente, o mundo encolhe e a juventude internacionalizada que se considera um espetáculo da grande mídia, paradoxalmente, em uma globalização que precisa homogeneização, a possibilidade de diferenciar e, sobretudo, alternativas de pertença e identificação que transcendem áreas locais, sem negá-las ali, onde a economia formal e a política falharam em incorporar. Os jovens fortalecem seu senso de pertencimento e configuram um ator "político", através de um conjunto de práticas culturais, cujo significado não se esgota em uma lógica de mercado (REGUILLO, 2000, p. 14).

Na vida da maior parte dos jovens, como professora, observo que os momentos para debates políticos no grande grupo estão presentes em suas vidas no interior da escola e – com maior intensidade e possivelmente menor reflexão – nas redes sociais da internet. Sendo assim, é interessante que muitos deles tenham reproduzido imagens e “memes” diariamente presentes nessas redes, em seus fanzines manualmente feitos. O compartilhamento de tais imagens e das mensagens que carregam intrinsecamente demonstra para eles o caráter coletivo de tais questões. Os momentos em que compartilham e então percebem que muitas das agruras que encaram no dia a dia enquanto parte de uma sociedade são vividas também por seus colegas, são nos encontros e diálogos em sala de aula.

Na atividade em análise, foi realizada contextualização do uso de fanzines por movimentos sociais como meio de difundir uma informação de forma rápida e com alcance significativo. Eram usados também para divulgação de eventos, de shows de bandas independentes, e etc. Nesse sentido, os estudantes foram orientados a construir seus fanzines de modo que pudesse ser lido e compreendido por qualquer pessoa, sendo capaz de passar a mensagem de seu ator. Observamos que o acirramento entre os discursos que envolviam os candidatos a presidente no segundo turno se fazem presentes nas produções, em alguns casos de forma direta. É interessante notar que mesmo entre aqueles alunos que estavam contentes com o resultado, não há em seus fanzines uma comemoração do feito, tampouco discursos que possam ser caracterizados como “fascistas”. De fato, a ausência de referências positivas ao presidente eleito pode ser oriunda de uma reflexão de que tal atitude seria desagradável para a professora, dado que conheciam suas críticas ao mesmo fundamentalmente pelas redes sociais. Não se descarta a hipótese da reprodução

de um comportamento aprendido em suas experiências como estudantes. De toda forma, a ausência de discursos que poderiam ter teor “fascista” reforça a fraqueza do argumento de que a juventude estaria dividida entre esquerda e direita. A adesão a uma ou outra narrativa não ocorre tal qual a “filiação” a um partido, mas como parte de um processo sócio histórico. Em referências ao outro candidato, da mesma forma, não vemos referências ao seu partido ou mesmo a pensamentos consideráveis como de esquerda.

Assim, podemos considerar que as expressões das culturas juvenis nos fanzines analisados revelam preocupações oriundas de diferentes vivências dos estudantes. Elas encontram conexões com uma série de causas sociais, por vezes fazem referência a algum movimento social, contudo nunca a um partido específico. Além disso, focando no grupo que mostra maior adesão a discursos chamados “progressistas”, é importante lembrar que se trata de uma geração que conheceu os movimentos de ocupação nas escolas, que nasceu em um país governado por um partido de esquerda e estudou em escolas onde os conteúdos (ao menos nas normativas) estavam direcionados para a formação democrática.

Referências

DAYRELL, Juarez. Por uma Sociologia da Juventude. In: OLIVEIRA, Luis Fernandes de (org.) *Ensino de Sociologia: desafios teóricos e pedagógicos para as ciências sociais*. 1 ed. Rio de Janeiro: Ed. da UFRRJ, 2012. Disponível

em:[https://www.academia.edu/9682974/Ensino de Sociologia desafios te%C3%B3ricos e pedag%C3%B3gicos para as Ci%C3%A2ncias Sociais](https://www.academia.edu/9682974/Ensino_de_Sociologia_desafios_te%C3%B3ricos_e_pedag%C3%B3gicos_para_as_Ci%C3%A2ncias_Sociais)

GADEA, Carlos A. *Realidade Juvenil e violência intersubjetiva em bairros de Porto Alegre – contextos, situações e perspectivas*. Porto Alegre: Cirkula, 2015

GADEA, Carlos A. Os jovens e a linguagem da violência (ou a escola como Metáfora do confinamento). *Educere et educere Revista de Educação*. Vol.9 nº 17 jan./jun.2014 p. 257-267

MAFFESOLI, Michel. *O Tempo das Tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000

PEREIRA, Luiza Elena. Sociologia: a arte da ruptura, da construção e da explicação. *Ciências Sociais Unisinos* 51(3):244-250, setembro/dezembro, 2015

REGUILLO, Rosana. *Emergencia de culturas juveniles – Estrategias del desencanto*. Bogotá: Grupo editorial Norma, 2000.

Recebido em: 12 de setembro de 2019

Aceito em: 31 de dezembro de 2019